

AS BIBLIOTECÁRIAS DA REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Camila Schoffen Tressino (RNBC) - camilaschoffen@gmail.com

Isabella Carolina do Nascimento Pinto (RNBC) - bella_canaspin@yahoo.com.br

Priscila de Queiroz Macedo (RNBC) - macedo.prisciladequeiroz@gmail.com

Vilma Almada dos Santos (RNBC) - vilmaalmada@hotmail.com

YASMIN Wink FINGER (RNBC) - yasminfinger@gmail.com

Resumo:

Este artigo tem o objetivo de relatar a experiência das bibliotecárias que atuam na Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias. Apresenta breve histórico do Programa Prazer em Ler, o qual apoiou, durante 10 anos, bibliotecas comunitárias em todo o Brasil. Propõe discussão sobre a formação acadêmica do profissional bibliotecário. Expõe o trabalho das bibliotecárias individualmente em suas redes locais e enquanto coletivo, descrevendo ações e planejamentos do ano de 2018. Dispõe sobre as funções da profissional e promove o debate acerca da identidade da bibliotecária atuando em bibliotecas comunitárias.

Palavras-chave: *Bibliotecas Comunitárias; Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias; Identidade; Biblioteconomia Social*

Eixo temático: *Eixo 7: Construção e identidade profissional*



XXVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

Vitória, 01 a 04 de outubro de 2019.

AS BIBLIOTECÁRIAS DA REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

INTRODUÇÃO

Durante séculos, as bibliotecas eram espaços utilizados apenas pelas classes dominantes. Essa construção social levou o bibliotecário a ampliar seus saberes muito mais na organização do conhecimento, influenciado pelo tecnicismo americano presente nos anos 1929 a 1970 (SOUZA, 1987), do que nas práticas leitoras de empoderamento da população, principalmente nas periferias das cidades.

Souza (1993, *apud* SILVA e SILVA, 2010, p. 212) destaca

[...] que o currículo de Biblioteconomia foi implantado no Brasil apenas pelo seu viés tecnicista, sem uma teorização de fundo social que provocasse sua adaptação e transformação, adequando-o à sociedade brasileira, nas suas diversas frentes (econômica, social, administrativa, política, educacional etc.).

Entretanto, os mesmos autores observam que a partir dos anos 70 há um despertar mais social e menos técnico, pois

Observa-se que nas últimas décadas, a Biblioteconomia passou por uma grande reformulação em seu discurso e na sua formação acadêmica, procurando sair um pouco do tecnicismo norte-americano e adequar-se a novas perspectivas de mercado relacionada à utilização das tecnologias como suporte em suas atividades profissionais. (SILVA e SILVA, 2010, p. 211).

Portanto, por trás de toda técnica, há um olhar para o mundo, um modelo mental coletivo, produzido pela cultura que o sustenta. De encontro a esse olhar, em contrapartida a este elitismo e a centralização dos bens culturais, as bibliotecas comunitárias surgem a partir da necessidade de espaços de democratização da leitura nas

regiões que não tem o olhar do Estado, onde muitas vezes não há políticas públicas que fomentem o acesso a literatura e arte como direito humano.

As bibliotecas comunitárias são geridas, mantidas e dinamizadas pelas próprias comunidades. Além de promoverem ações relacionadas à leitura e à literatura, são espaços de acolhida, de debates e de protagonismo da cultura local. As bibliotecas comunitárias tornam-se espaços de resistência, opondo-se ao descaso do Estado. Como bem afirma Elisa Machado, tornando-se “espaços de emancipação social” (2009).

Em 2006, foi criado pelo Instituto C&A de Desenvolvimento Social, o Programa Prazer em Ler (PPL), com o intuito de incentivar à leitura, que tinha como objetivo “contribuir para a efetivação do direito à leitura, por meio da formação de leitores e da formulação e aperfeiçoamento de políticas públicas” (INSTITUTO C&A, 2016), apoiando propostas de promoção da leitura, elaboradas por organizações da sociedade civil, em especial às bibliotecas comunitárias. No decorrer do desenvolvimento desse programa, começava a surgir a articulação das bibliotecas comunitárias em redes, inicialmente denominado Polo de Leitura.

A partir de 2010, os editais do PPL começaram a provocar a organização de pequenas redes locais, com pelo menos 5 bibliotecas comunitárias articuladas. Assim, tendo em vista as experiências coletadas entre as próprias organizações beneficiadas com os projetos que, em Recife, Salvador e Porto Alegre já vinham se organizando em redes visando à otimização de recursos e um maior impacto social no território, o próprio programa reconhecia a estratégia e passava a fortalecê-la a partir de seus editais. Nesse contexto, o PPL identificou e potencializou o movimento de enraizamento comunitário e de aderência às causas comunitárias que está no cerne do surgimento da grande maioria dessas experiências na luta pelo acesso ao direito à leitura.

Em 2015, as 11 redes locais apoiadas pelo PPL se uniram e formaram a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) que está localizada em 4 regiões brasileiras (norte, nordeste, sudeste e sul) e possui mais de 100 bibliotecas comunitárias espalhadas pelas comunidades de periferia de 9 estados brasileiros. Com o fortalecimento das ações de incentivo à leitura através do investimento financeiro, técnico e sistemático proporcionado pelo programa e pela demanda de organização e dinamização das bibliotecas comunitárias, viu-se a importância de ter um bibliotecário como assessor técnico atuando dentro das redes locais que compõem a RNBC.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Com essa conquista, um importante capítulo para a Biblioteconomia brasileira inicia-se. As bibliotecas comunitárias começam, pelo fato de existirem e ampliarem sua visibilidade, a chamar a atenção da academia para as suas particularidades de atuação. Ao mesmo tempo, há uma demanda por profissionais com olhar voltado às questões sociais,

pois, as bibliotecas comunitárias são espaços autônomos, não formais, flexíveis e que prezam pela dinamização do acervo e pelo incentivo à leitura.

Em 2012 a inclusão de bibliotecários nas equipes das redes locais começa a ser uma prática e, no final de 2017, as redes locais vinculadas à RNBC já contavam com 6 profissionais contratadas para oferecer assessoria.

A partir do estudo e das práticas percebidas nas bibliotecas comunitárias, podemos afirmar que os currículos dos cursos de Biblioteconomia, no Brasil, não abordam em profundidade esta tipologia de biblioteca. Por consequência, geralmente, as universidades formam bibliotecários que não conhecem a realidade desses espaços que seguem os princípios de autonomia, flexibilidade e da articulação local, atuando mais diretamente com ação cultural do que com serviços de organização e tratamento da informação (MACHADO, 2009). Por isso, as bibliotecárias têm empreendido esforços para expansão de sua formação, afastando-se de uma educação de caráter tecnicista e buscando uma que tenha bases fincadas na sociologia, filosofia, política, educação popular e literatura.

Hoje, as atribuições que as bibliotecárias possuem dentro das redes locais são as seguintes: estudo e confecção de material de orientação, manuais e relatórios; visitas técnicas de assessoria às bibliotecas das redes locais; diagnóstico da situação de funcionamento e organização das bibliotecas da rede para compor plano de trabalho; formação em classificação e organização do acervo; formação em cadastro do acervo nos sistemas informatizados; acompanhamento do cadastro de livros; assessoria para planejamento das ações culturais e de leitura; atualização dos manuais de procedimentos junto às equipes; relatórios de atividades realizadas; articulação com universidades, órgãos de classe e outras bibliotecas; monitoramento e avaliação; acompanhamento das políticas públicas relacionadas ao livro, leitura, literatura e bibliotecas em âmbito municipal, estadual e federal.

Desse modo, vemos que o trabalho desenvolvido pelas bibliotecárias pode ser dividido em:

a) assessoria técnica e orientação: facilitação e acompanhamento da aprendizagem sobre métodos de classificação e catalogação; uso de programas de automação de acervos e arranjos físicos que facilitem a interface com os usuários e que possam ser controlados a partir de rotinas simples realizadas pelos próprios mediadores e equipes das bibliotecas, integradas ou não por voluntários. Como resultado tem-se a apropriação das linguagens documentárias, controles e processos que qualificam o equipamento da biblioteca comunitária e seus serviços e ações junto às comunidades;

b) ações de orientação, apoio e atuação nas ações de incidência política: tem se revelado de muita importância no sentido de firmar as bibliotecas comunitárias como um referencial na criação e ampliação das políticas públicas para o setor especialmente por três aspectos que podem influenciar:

i) os conhecimentos técnicos de gestão da informação devem apoiar e dar suporte à formação dos profissionais das redes locais na construção de diretórios para o monitoramento da incidência nos legislativos locais, o que favorece a geração de dados e informações técnicas consistentes para a ação política;

ii) a legitimidade que têm como bibliotecárias para o diálogo sobre a legislação com os conselhos e órgãos de classe, e ainda sobre a formulação, instituição e regulamentação de cursos e currículos para as escolas de biblioteconomia;

iii) a produção de conhecimento teórico e técnico consistentes para ampliar o interesse e os estudos sobre o segmento, que impactem sua visibilidade e contribuam nas políticas públicas e os investimentos sociais privados e;

iv) finalmente, somado aos pontos anteriores, a capacidade de identificar oportunidades para ampliação da mobilização de recursos a partir do seu campo específico de conhecimento.

A partir dessas demandas, as bibliotecárias das redes locais que compõem a RNBC sentiram a necessidade de partilhar conhecimentos para potencializar as suas ações nas bibliotecas e nas redes locais e nacionais, por meio de um Plano de Ação unificado. Para tanto, foi criado um coletivo denominado “Comissão de Bibliotecárias” que conta hoje com a participação de 12 bibliotecárias, sendo 1 consultora. Desde 2017, o grupo encontra-se mensalmente para uma reunião virtual e, durante o ano de 2018, a participação e incidência das bibliotecárias em dois momentos foi muito importante: durante o advocacy pela aprovação da Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) e em reunião com o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), para dialogar sobre a adequação da regulamentação da profissão para atuação específica nos espaços comunitários.

Atualmente, essas estão ativamente engajadas com as equipes das bibliotecas na busca pela elaboração e/ou implementação dos Planos Municipais do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas das cidades onde se encontram as redes locais de bibliotecas comunitárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecárias atuantes em bibliotecas comunitárias trazem um novo olhar para a biblioteconomia. O compromisso com a formação de toda a equipe da biblioteca no que se refere aos processos técnicos e de gestão da informação, reforçam que há em vista um novo paradigma no campo das ciências da informação, o qual compreende que a biblioteconomia, além de ter um caráter social, tem um caráter político e formativo.

Considera-se que o trabalho das bibliotecárias nestes ambientes contribui para diversos eixos de atuação: incidência política, sistematização, disseminação e gestão da

informação e formação técnica. Em contrapartida, é perceptível que a formação dessas profissionais se deu, em grande parte, durante sua atuação nas bibliotecas comunitárias, visto que os temas abordados na academia não são suficientes para a atuação das bibliotecárias nestes espaços.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina : UEL, 1997.

INSTITUTO C&A. **Prazer em ler**: dez anos de fomento à leitura literária. São Paulo, 2016. Volume 1.

MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.7, n.1, p.80-94, jul./dez. 2009. Disponível em:
<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000007426/9f0fc64fae489779cedea745f1a6470d>. Acesso em: 11 abr. 2019.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; SILVA, Roosevelt Lins. Biblioteca, luta de classes e o posicionamento da Biblioteconomia brasileira: algumas considerações. **Em questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 203-217, jul/dez. 2010. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/16023>. Acesso em: 20 jul. 2019.

SOUZA, Sebastião de. **Dimensões atuais da Biblioteconomia no Brasil**: um estudo através de suas tendências no Brasil. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas: Universidade Federal da Paraíba, 1987.

Agências financiadoras: Instituto C&A e Fundação Itaú Social